

Filosofia e Linguagem no Mestre Catalão do Humor

Jean Lauand
Prof. Titular FEUSP
jeanlaua@usp.br

Piadas e Linguagem

A revitalização da velha arte de contar piadas acaba de ganhar um poderoso aliado com os recursos - de áudio e vídeo - da Internet, como o *youtube*. Já há até um concurso mundial, com prêmios ainda modestos, mas de futuro promissor: o site Comic Wonder, surgido em dezembro do ano passado, com grande sucesso, já premiou em fevereiro seu primeiro campeão do mundo: o humorista americano Chris Cashman, que participou com o apelido "Captainhilariousness".

Nesse curto período, "Puzzled Sister"¹, a piada que deu o título a Cashman, consagrou-se com quase dez mil audições e, sua segunda mais ouvida, "Pickle in your pants", teve 8117 (em 04-03-08).

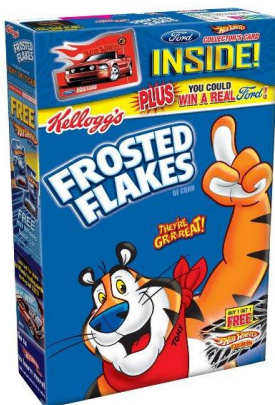
Para além da técnica narrativa, essas piadas remetem a um tipo de humor que convida à reflexão, caso queiramos tentar esclarecer um pouco o mistério do cômico. Em "Puzzled Sister", a moça burrinha propõe ao irmão que, em vez de assistirem a um filme de vídeo (seu programa habitual quando ele a visita semanalmente), façam, para variar, um quebra-cabeças, tão impressionante, que ela não sabe nem por onde começar.

- E tem que dar o quê? Qual é a figura da caixa?
- Deixa-me ver, onde é que está a caixa...? Acho que era um tigre... Ah, aqui está! (e despeja na mesa o conteúdo da caixa).
- Ooooh-kkayyy... Mas acho que nós não vamos conseguir fazer essa figura.
- Não me subestime. Eu sou muito boa em quebra-cabeças!
- Não, não, não, não é por aí. Vamos deixar isso de lado, relaxemos, assistamos a nosso filme, como sempre, e depois eu ajudo você a pôr de volta os sucrilhos na caixa, OK?

¹. As piadas de Cashman podem ser ouvidas em <http://www.comicwonder.com/who/captainhilariousness>

Uma vez mais, para ficarmos somente com o conteúdo, em “Pickle in your pants”, na praia, um rapaz vê um enxame de belas mulheres assediando um amigo seu e pergunta-lhe qual é o segredo. O amigo revela que o segredo é enfiar um pepino no calção: isso as vai deixar loucas e excitadas. No dia seguinte se encontram e o amigo pergunta se deu certo. “- Que nada! Veja, eu fiz o que você falou, mas elas fogem de mim apavoradas”. “Putz, perai... Você enfiou o pepino no lado errado do calção!”

Neste artigo, ocupamo-nos apenas do conteúdo, do “enredo” das piadas, embora estejamos lidando com grandes mestres da arte de contá-las (naturalmente, a técnica de contar a piada explora precisamente as potencialidades cômicas do enredo). Essas duas piadas apóiam-se em um recurso que produz efeito cômico: um certo “inesperado da linguagem”. Certamente, o inesperado ocorre em qualquer situação de humor, mas essas situações podem ser de tipos variados, dando origem a diversos tipos de piada.



Antecipemos que no caso do par vencedor de Cashman, como no das piadas típicas do grande humorista catalão, Eugenio, que analisaremos mais detidamente, o “truque” está em induzir o leitor a uma situação de aparente univocidade e, de repente - *inesperadamente* -, surge, irrompe, uma segunda possibilidade semântica, até então inimaginável. A habilidade do autor e do narrador da piada está precisamente em camuflar ao máximo essa *outra* possibilidade, esse oculto “duplo sentido”.

Isso é possível porque o sentido “unívoco” (ou, no caso, pretensamente unívoco) é dado pelo contexto. Uma das características fundamentais do contexto - e que está subjacente a todo falar - é que sobre o que é evidente não se fala. Essa regra básica - também ela evidente e, portanto, nem deveríamos deter-nos nela... - é a que torna, em diversas línguas, o “não falar” sinônimo de “evidente”: “goes without saying”, “ça va sans dire” (“selbstverständlich” ou “per se notum”...), são - nas correspondentes línguas - simplesmente modos de dizer: “evidente”.

Assim, é evidente (e não só nem se fala mas nem sequer se pensa) que o pepino é para entrar no lado de frente do calção e que caixa de sucrilhos não é quebra-cabeças... A graça surge quando um personagem toma - como seu evidente - a “outra” interpretação, que, na prática, estava totalmente fora do campo de possibilidades de quem ouve a narrativa da piada.

Inegavelmente, Chris Cashman é um grande contador de piadas, mas, se quisermos aprofundar de verdade nesse tipo de humor, devemos voltar-nos para um outro artista, consagrado criador de inúmeras piadas desse estilo (dentre as 15000 que se estima que contava...!) e que, por anos a fio, reinou absoluto no humor espanhol: Eugenio.

Eugenio: um dos maiores humoristas de nosso tempo

Para se ter uma idéia do enorme sucesso de Eugenio, acabo de procurar no Google “*chistes de Eugenio*” e o resultado² foi: 15000 sites que contêm essa expressão; 100 dos quais surgidos no último mês: ou seja, sete anos após sua morte, a cada dia 3 novos sites ainda falam das piadas de Eugenio.

De fato, o catalão Eugeni Jofra Bofarull, ou simplesmente Eugenio, obteve, por anos, incomparável sucesso em toda a Espanha - sobretudo na década de 1980, quando aparecia freqüentemente na televisão e tornava-se autêntica mania nacional ouvir as fitas cassete de seus shows - como contador de piadas, ou melhor, como ele preferia dizer, “intérprete” (de “historias” ou “cuentos”).

Apresentava-se (como se pode ver no “youtube”) de maneira séria e impassível, minimalista (nunca ria ao contar seus *chistes*), vestido de preto, com barba e óculos escuros, sentado em um tamborete, fumando o tempo todo e, entre uma piada e outra, dando pequenos tragos em um copo de vodka com laranja. Aqui e ali, misturava palavras catalãs ao castelhano. Seus “*cuentos*”, de valor universal, são, ao mesmo tempo, uma sociologia de Espanha (e de suas regiões), caracterizando/caricaturizando o cotidiano de seu país, sua idiossincrasia, numa performance discreta, avessa a qualquer estridência, mas que (ou precisamente por isso...) é todo um curso sobre a peculiar prosódia espanhola, nas mais diversas situações da vida comum: nas relações familiares, profissionais, escolares etc.: ouvir Eugenio é um poderoso aliado dos professores de espanhol, um atalho para o estrangeiro que queira assenhorear-se do idioma falado.



². No dia 04-03-08.

Piadas “de Eugenio”

Em geral, ninguém sabe quem é o autor de uma piada: as piadas, desde o momento em que são inventadas, espalham-se de boca em boca com a velocidade da luz, e quem as conta, não tem a preocupação de indicar a fonte, aliás, em geral, desconhecida, anônima, de domínio público. No final de fevereiro de 2008, a imprensa anunciou a descoberta de duas múmias em São Paulo, no mosteiro da Luz: no dia seguinte já circulavam piadas sobre esse fato, sem que ninguém se lembrasse de perguntar quem as inventou.

No entanto, pode-se, em certos casos, falar em, piadas de autor, digamos, piadas de “José Simão” ou “chistes de Eugenio”. E é que, nestes casos, não só ouvimos (/lemos) por primeira vez na coluna do Simão ou no show de Eugenio, mas são casos típicos, de “marca registrada” de um estilo de humor.

E sabe por que o dólar tá caindo? Porque, depois que foi achado na cueca, ele foi pro saco. Nunca mais foi o mesmo. E do jeito que o dólar tá caindo, temos que indenizar o Cacciolla por perdas e danos!

Mesmo que não tenha sido o próprio José Simão a criar esta piada, ela, sem dúvida, é uma “piada de José Simão”, tem seu estilo, a “cara dele”. Como, certamente, é uma “piada de Groucho Marx” a seguinte:

- Uma criança de cinco anos entenderia isto.
- Então me consiga rapidamente uma criança de cinco anos³

Nos registros (em áudio e em vídeo) dos shows de Eugenio há centenas de piadas. Independentemente de ter sido o próprio Eugenio a criar esta ou aquela piada, consolidou-se algo que ainda hoje, em Espanha, se chama “chistes de Eugenio”, como tipo classificatório. A referência a Groucho Marx não foi casual, o estilo de Eugenio guarda relação com o desse antigo comediante: ambos voltam-se para o nonsense, para aquele “inesperado semântico”, para as surpresas da linguagem, como dizíamos também a propósito de Cashman.

Neutro e confundente

Mas se quisermos analisar isoladamente esse humor – que tem em Eugenio seu superlativo- em estado, por assim dizer, “quimicamente puro”, devemos antes considerar o aspecto confundente da linguagem e o caráter neutro do discurso.

Uma das formas de acesso ao real é aquilo que Ortega y Gasset denominou “pensamento confundente”, que - numa primeira aproximação - concentra numa única palavra realidades distintas, mas conexas. Se distinguir, dar nomes diferentes para realidades diferentes, é uma importante função da língua; “confundir” é - como já

³. A child of five would understand this. Send somebody to fetch a child of five Groucho Marx in *Duck Soup*, 1933.

fazia notar Julián Marías - igualmente importante, pois: “Não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes”⁴.

Todas as línguas são - em maior ou menor grau - confundentes, embora a tendência ao confundir (e não há nisto nenhum juízo de valor) prevaleça nas línguas orientais. O português também tem suas confundências. Sobretudo, o português do Brasil, com nossa propensão ao genérico, à indeterminação, ao neutro. No outro dia, dirigindo-me a um colega, vizinho de prédio, a quem freqüentemente dou carona, perguntei: “E aí, você vai para a USP amanhã?”. Sua resposta foi: “Devo ir”. O leitor não tem a menor possibilidade de saber o que significa esse “devo”, entre nós, muito confundente. Se se tratasse de legendar uma cena de filme, como traduzi-lo, por exemplo, para o inglês (*should, have to, supposed to, must, ought...*)? Pois, esse “devo” pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir (“eu devo ir, senão a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“eu não falei que iria, eu falei ‘devo ir’, e aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

No quadro geral do confundente, destaquemos o neutro, importante para o nosso tema. Embora gramaticalmente inexistente no português - e em tantas línguas modernas que perderam esse poderoso recurso do latim -, a necessidade do neutro é tão forte que procuramos recuperá-lo em construções alternativas. O provérbio é: “pão, pão; queijo, queijo!”, mas não para o brasileiro (e menos ainda para o mineiro...); para nós, não é nenhum dos dois: nem pão nem queijo; em todo caso, ambos: pão de queijo! *Utrum* é precisamente a forma latina que exige a definição de um de dois; daí que *ne-utrum* seja: nenhum dos dois, *neutrum*! Neutro que pode não ser nenhum dos dois, porque é ambos: confundente.

Engana-se quem, com o Aurélio, pensa que o neutro seja só ou principalmente um modo de designar o que não é macho ou fêmea:

“Neutro - gênero das palavras ou nomes que, em certas línguas, designam os seres concebidos como não animados, em oposição aos animados, masculinos ou femininos”.

Essa primeira aproximação do neutro está longe de esgotar-lhe o significado. Na verdade, tipicamente, o neutro puxa para a abstração, para a totalidade, para a indeterminação mais do que para “seres concebidos como não animados” e nem tampouco é uma “terceira opção” para aqueles que não decidiram ainda se são masculinos ou femininos... Masculino e feminino opõem-se ao neutro enquanto determinação; mais do que quanto a “gênero” ou sexo. Tomás de Aquino - cujo pensamento explora muito as ricas possibilidades do neutro - no-lo explica:

⁴ MARÍAS, J. “Entrevista a JL, 26-5-99” <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>. *Videtur* No. 8, 1999, DLO-FFLCH-USP. Um belo exemplo é dado pelo próprio Marías: “Muitas vezes me tenho referido à vaguíssima e estupenda palavra de nossa língua ‘bicho’ - palavra exasperante para um zoólogo, creio que estão classificadas umas oitenta mil espécies de coleópteros -, que permite designar inúmeras espécies animais, prescindindo de suas diferenças. Se estou lendo ou escrevendo e entra um inseto pela janela - como no poema de Dámaso Alonso -, não poderia tomar facilmente uma decisão de conduta, se tivesse que comportar-me com ele de acordo com sua espécie. Mas, o que quero é unicamente tirá-lo daqui, e tenho que tratá-lo como ‘bicho’ sem estabelecer outros questionamentos” (MARÍAS, J. *La felicidad humana*, Madrid, Alianza Editorial, 1988, pp.16-17.)

“O gênero neutro é informe e indistinto; enquanto o masculino (e o feminino) é formado e distinto. E, assim, o neutro permite adequadamente significar a essência comum, enquanto o masculino e o feminino apontam para um sujeito determinado dentro da natureza comum” (*Suma Teológica* I, 31, 2 ad 4).

Um exemplo de neutro dá-se quando dizemos a quem vem correndo para entrar no elevador: “- Desculpe, não há mais lugar, já somos **sete**” (não interessam aqui as determinações desse “sete”: não só as concretizações de sexo - homens/mulheres -, mas de outras determinações concretas como: negros/brancos, alunos/professores, palmeirenses/corintianos, etc.; trata-se do neutro “sete”). Nesse sentido, tendem ao neutro o sacolão (pouco importa se é alface, cenoura ou rúcula: o preço é tanto), o restaurante por quilo etc. Neutro também é o “etc.”!

O neutro, indeterminado, como ensina Barthes, mais do que o nulo, é plural⁵. O plural indetermina. Daí que, nos pronomes demonstrativos castelhanos, o plural do masculino siga o neutro: *estos, esos* (em vez de *estes e eses*). E na língua inglesa, o plural é mesmo a forma de indeterminação: “diz-se” é *They say*... No plural, no indeterminado, diluem-se: o diretor, o árbitro, o chefe, o malandro concretos e passamos para os neutros: “a direção”, “a arbitragem”, “a chefia”, “a malandragem”...

Fomos apresentados ao neutro desde a infância: ao final daqueles violentíssimos jogos de futebol de várzea, a fórmula do time adversário para despedir-se era: “Desculpe *alguma coisa*” (lançando os agravos reais no limbo do neutro, como se não tivesse havido concretíssimos pontapés desleais, caneladas etc.). Refugia-se no neutro o político que, no debate, teme a pergunta concreta e, para justificar sua ambição de cargos, diz que está obedecendo a um desejo das “bases”.

O neutro e o confundente no humor de Eugenio

Do ponto de vista da psicologia da comunicação, o neutro, indeterminado, convoca o interlocutor a preencher a (evidente ou não) lacuna por ele deixada. É precisamente essa indeterminação que permite o humor de Eugenio. A típica piada de Eugenio - tal como ocorre com Cashman ou Groucho Marx - dá-se quando o caráter genérico e abstrato da linguagem parece ter sido eliminado (pelo contexto, pela articulação do discurso, pela prosódia...) e aparentemente ocorre uma situação totalmente unívoca, na qual o ouvinte nem imagina outra possibilidade e, de repente, um personagem instala-se com segurança e veemência nessa outra possibilidade, habilmente camuflada pelo humorista narrador.

Como na piada dos ministros ou a da gorila. A partir de agora, apresentaremos a tradução de algumas piadas de Eugenio (em geral, tendendo ao literal, para facilitar a compreensão do original em áudio na Internet).

⁵ Cf. Barthes, Roland *O neutro*, São Paulo, Martins Fontes, 2003, p. 247.

1. Estacionando no ministério.

Aquele cara que vai a Madri e estaciona em frente ao Ministério. Vem o ordenança e diz:

- Por favor, cavalheiro, tire o carro daí porque os ministros podem sair a qualquer momento.
- Fique tranqüilo, pois eu tenho sistema anti-furto...

O narrador habilmente permite o inesperado desfecho, que seria impossível se o segurança dissesse, por exemplo: “É proibido estacionar aí...”

2. Experiência científica

No jornal apareceu um anúncio que dizia: “Laboratórios precisam de senhor de compleição forte e gozando de boa saúde para experiência científica”. Comparece um cara de dois metros, forte como um carvalho, transbordando saúde, mas com uma cara de panaca...

- Vim por causa do anúncio, de que se trata?
- Queremos cruzar uma gorila com um ser humano para ver qual seria o resultado. O senhor estaria disposto a fazer a experiência *por um milhão de pesetas?* [na época, algo assim como cinco mil dólares].
- Quero impor três condições.
- Diga.
- A primeira é que quero por perto um guarda rural armado, para o caso de que a gorila me rejeite.
- Sim, de acordo.
- A segunda é que lhe pintem os lábios para que fique mais sexy.
- De acordo. E a terceira?
- E a terceira: se posso pagar o milhão de pesetas em três vezes.

A formulação “...*por um milhão de pesetas?*” deixa indeterminado se é para pagar ou para receber, o que permite o surpreendente desfecho. Como na piada brasileira do galinheiro, “teste de racismo”:

Teste para descobrir se você é racista ou não.

Responda rápido:

Num galinheiro existiam 30 galinhas.

Um negão levou 10 galinhas.

Quantas galinhas ficaram no galinheiro?

RESULTADO ABAIXO:

Abaixe mais

Abaixe mais

Resultado:

Se você respondeu 20 galinhas - Você é racista

Se você respondeu 40 galinhas - Parabéns!!!

Se havia 30 e o negão levou (mais) 10, ficaram 40 galinhas.

Ninguém disse que o negão tinha roubado...

Cuidado!!! Racismo é crime inafiançável e imprescritível!!

(Do site: <http://cabecaxata.com.br/?p=1593>)

A seguinte manifesta claramente a sutil redução ao neutro, que deixa o leitor “indefeso”.

3. Motoqueiro Atropelado

- Sabia que, segundo as estatísticas, em São Paulo, um motoqueiro é atropelado a cada meia hora?

- Nossa, imagina como é que deve estar o coitado...?

Realizou-se aqui o caso apontado por Santo Tomás: o que era para ser entendido como “um” indeterminado (neutro) é assumido como “um” determinado. São interessantes, nesse sentido, por exemplo, as teses de Tomás sobre a Trindade:

“Já que em Deus a distinção é segundo as pessoas e não segundo a essência, dizemos que o Pai é *alius* [outro, masculino] em relação ao Filho, mas não que é *aliud* [outro, no sentido de outra coisa, neutro]; e que Pai e Filho são *unum* [um, neutro, no sentido de *lo mismo*] mas não *unus* [masculino, no sentido de *el mismo*]” (*Suma Teológica* I, 31, 2 ad 4)⁶.

4. Para onde vai a carta?

Um cara na rua diz para o outro:

- Por favor, se eu puser esta carta aqui na caixa do correio, ela irá para Pamplona?

- Claro!

- Era o que eu temia... eu quero que vá a Barcelona...

A graça está, novamente, na passagem do neutro (indeterminado) para o determinado: algo que era para (obviamente) ser entendido como indeterminado,

⁶ Quando não se respeitam essas sutilezas, surgem confusões ou rixas causadas por equívoco, o que é, literalmente, um *quiproquó*, *qui-pro-quod*, é tomar o *qui* (masculino) em lugar (*pro*) do *quod* (neutro): o Pai é *lo mismo* (quod) que o Filho, mas não *el mismo* (*qui*).

subitamente revela-se como determinado. “Pamplona” aqui era para ser lida como “x”, cumprindo o mero papel representativo de: “uma cidade qualquer”: “se eu puser esta carta (supondo-se o óbvio: que ela está dirigida à cidade x), ela irá para x?”

5. Águas medicinais

- Sabe se este balneário é bom para o reumatismo?
- É ótimo!! Foi aqui que eu peguei o meu!

De passagem, note-se que até gramaticalmente temos um resquício do neutro quando dizemos o feminino “em masculino”: “Água serrana *é bom* para o reumatismo”.

A seguir, outras prestidigitações semânticas em outra das especialidades de Eugenio: piadas curtas ou curtíssimas.

6. No guichê da Receita Federal

- No guichê da Receita:
- Por favor, é aqui que se faz a declaração?
 - Sim, senhor!
 - Então, aí vai:
- Me enamorei de teus olhos
Me enamorei de teu ser
E não sei viver, amor
Sem o teu querer!

7. Porteiro eletrônico

- O cara toca um número da campainha do porteiro eletrônico de um prédio e diz:
- Não há neve em Saint Moritz
 - Seu panaca, não é aqui; o espião mora no 5º andar!

8. Tapito rojo

- O cara vai na moto pela estrada e numa curva está um carro parado e ocorre uma grande trombada
- O senhor tinha que ter posto um triângulo atrás do carro?
 - Você não viu o carro e vai ver triângulo?

9. Tatuagem

O ex-legionário que já há vinte anos ostentava uma tatuagem no peito encontra um amigo, que lhe diz:

- Isto, com a água não desbota?
- Não sei.

10. Mais adiante

Na entrevista de trabalho, diz o gerente da empresa:

- O senhor começará ganhando mil dólares e, mais adiante, aumentaremos para três mil
- Então, eu volto mais adiante...

11. Progredindo

- Querida, como você está melhorando! Só ficou 45 minutos no telefone! Quem era?

- Engano...

12. Shampoo

Na farmácia.

- Por favor, senhor tem shampoo?
- Para cabelos secos ou para cabelos oleosos?
- Não tem para cabelos sujos?

13. Plano de carreira

O cara que estava com a picareta quebrando pedras na linha do trem dá uma parada, para limpar o suor e faz a seguinte reflexão:

- Há vinte anos que eu trabalho nesta empresa... Cinco vezes fui promovido... Eu queria saber de que raios que eu entrei aqui...

14. Eu tenho duas irmãs...

Um amigo diz ao solteirão empedernido:

- Você não pensa em se casar?
- Eu? Para que? Eu tenho duas irmãs que cuidam de mim, me mimam, me fazem todos os caprichos...
- Mas suas irmãs... nunca lhe poderão dar o que lhe pode dar uma mulher.

- E quem falou que são minhas irmãs?

Novamente, o neutro, que neste caso chega a ser extremamente sutil, na formulação: “tenho duas irmãs”, que pode ser lida como: tenho duas mulheres, que são irmãs...

15. Catarata...

- Sabe quem morreu?
- Quem?
- O Anselmo
- Nossa, e ele morreu do que?
- De catarata!
- Foi operado?
- Não, foi empurrado...

Nas piadas mais longas, Eugenio mostra todo seu virtuosismo de narrador e de intérprete:

16. Com amigos assim...

Sete horas da manhã. Fim de janeiro. Século onze. Baixa Idade Média. O cavaleiro regressa ao castelo, depois de uma dura batalha, em estado deplorável. Ia com a armadura toda amassada, o elmo retorcido, a cota de malha em frangalhos e o cavalo mancando. O senhor do castelo sai a seu encontro e diz:

- Mas o que foi que te aconteceu?
- Senhor, eu venho de servir a meu senhor, castigando vossos inimigos do Poente.
- Mas, o que estás dizendo...? Eu nunca tive inimigos no Poente!
- Ah, mas a partir de agora, sim, que tendes...

17. Luminares provincianos

Quatro amigos estão jogando biriba num bar de *La Almunia de Doña Godina* [vilarejo de 7000 habitantes] e na tevê começa a passar um documentário de Jacques Cousteau, no qual uns mergulhadores se atiram de costas do barco ao mar. Diz um deles:

- Eu sempre me pergunto, por que os mergulhadores pulam de costas ao mar.
- E o Calixto, que estava ao lado, diz:
- Pulam de costas, porque se pulassem de frente, o impacto da água na máscara poderia quebrar o vidro e fazer mal à vista.

Diz o Galindo:

- Nada disso... Pulam de costas, porque se pulassem de frente, com o peso das garrafas que levam nas costas, poderiam ficar embaixo do barco e ser tragados pela hélice.

Diz o Ambrósio:

- Vocês não sabem coisa nenhuma. Pulam de costas por causa do princípio de Arquimedes, que também era mergulhador: que a todo corpo que se submerge na água, a água sofre um deslocamento igual ao volume que penetrou.

E o Aniceto, que estava no balcão, picando fumo, diz:

- Êta caipirada! Vocês são a vergonha da cidade. Pulam de costas, porque, se pulassem, de frente cairiam dentro do barco, porra!

Uma das piadas mais clássicas de Eugenio é a do russo da estepe (tenha-se em conta que *La Estepa* é um *pueblo* de Andaluzia, famoso por seu *polvorón*, um doce típico)

18. Muito russo na Rússia

Um russo e um andaluz, fazendo uma viagem trans-siberiana de sete dias de trem. Ainda não se tinham dirigido a palavra mutuamente, quando, no segundo dia de viagem, o russo quebra o gelo, dirige-se ao andaluz e diz:

- Excuse me, do you speak English?

- Não spinkingli, não

- Vous parlez français, monsieur?

- Não

- Lei parla italiano?

- Eu sou espanhol.

- Grande país Espanha, interessante! Eu conhecer um pouco caráter espanhóis: bascos, gente brava; galegos, trabalhadores; catalães, poupadores; castelhanos, valencianos, andaluzes... Grandes pintores em Espanha, reconhecidos internacionalmente: Dalí, Miró, Cuixart, Tapiès, Capmany... Interessante obra grande arquiteto catalão, Gaudí do impressionante templo Sagrada Família... De que parte de Espanha é o senhor?

- Eu sou de Jeréz de la Frontera.

- Jeréz de la Frontera, bela cidade, Jeréz de la Frontera, importante por seus produtos vinícolas, por sua criação de cavalos, fazendo cruzamentos entre cavalos árabes e ingleses para conseguir uma grande raça. Jeréz de la Frontera, com um censo de 400.000 habitantes, perto do porto de Santa Maria, perto de Cádiz, a cidade de prata...

- E o senhor, de onde é?
- Eu sou russo!
- Putz, essa é de lascar...! É uma coisa estranha a Rússia... Coisa curiosa, a Rússia... Muito russo na Rússia... Muito boa a salada russa... Emocionante a montanha russa... E é muito bom “Demi, o Russo” [Demis Roussos]... De que parte da Rússia o senhor é?
- Eu, sou da estepe [*de la Estepa*].
- Muito bons os *polvorones*...

19. Truques no circo

O famoso domador e dono de circo, Ángel Cristo, vem ao meio do picadeiro e diz:

- Respeitável público, senhoras, senhores... a seguir vão ver um número nunca visto: Bárbara Rey entrará na jaula dos leões tendo nos lábios um torrão de açúcar e o leão, sem causar-lhe o menor dano, comê-lo-á.

De fato, entra a Bárbara Rey na jaula, tendo nos lábios um torrão de açúcar e o leão o come. O público aplaude. Nisto, se levanta um metido, que estava na primeira fila e diz:

- Isto é uma fraude!

Ángel Cristo aproxima-se dele e diz:

- Que que o senhor está querendo dizer com isto?
- Que se é para fazer isto, faço eu!
- Você é capaz de fazer isto?
- Sim, e melhor do que esse leão!

Novamente, o neutro (“isto”) permite a piada.

20. Me inclui nessa...

Duas senhoras amigas viajavam no trem de alta velocidade Madri-Sevilha, conversando sobre suas coisas. Sentado diante delas, um senhor finge ler o jornal, mas está atento a acompanhar a conversa das duas. Uma delas diz:

- Eu, já não sei o que fazer para que o dinheiro que o Pepe me dá dê para chegar até o fim do mês.
- Arrume um amante. Eu tenho um amante que me dá todo mês mil dólares.
- Eu tinha pensado nisso, mas não é fácil encontrar um bundão que solte esse dinheiro assim.
- Arruma dois, quinhentos cada um. Para ficar mais fácil ainda: arruma quatro, a duzentos e cinquenta cada um...

E o cara do jornal diz:

- Perdoem, senhoras, que eu interrompa. Mas é só para dizer que, quando cheguem aos vinte dólares, eu não me importaria em absoluto de estar entre os tais “bundões”...

21. Só na UltraFarma...

Um cara está fumando no ônibus e o cobrador lhe diz:

- Por favor, cavalheiro, jogue fora o cigarro, pois há um cartaz que diz: “Proibido fumar no interior deste veículo”.

O cara joga fora o cigarro e em seguida cospe no chão.

- Por favor, cavalheiro - diz de novo o cobrador – aqui há outro cartaz que diz: “Proibido cuspir no interior deste veículo”.

O cara irritado solta uns palavrões [em catalão, no original].

- Por favor, cavalheiro aqui há outro cartaz que diz: “Proibido falar palavras de baixo calão”.

O cara vai até o motorista e lhe diz:

- O senhor está vendo as pancadas que seu colega me está dando?

- Por favor, cavalheiro aqui há um cartaz que diz: “Proibido conversar com o motorista”.

- Quer saber de uma coisa? Abre essa porta, que eu vou descer já.

- Por favor, cavalheiro aqui há outro cartaz que diz: “Proibido descer por esta porta” Tem que ir pela de trás.

Finalmente, o cara desce e, estando na rua, se dirige ao cobrador lá de baixo e lhe diz:

- Quer saber de uma coisa? Meus remédios, eu vou comprar onde eu bem entender!

- E o senhor, quer saber de uma coisa? Aqui dentro há um cartaz que diz: “Compre seus remédios só na UltraFarma”

Confundem-se na mesma forma verbal o terminantemente proibido e o mero convite a comprar em tal loja.